

O MANIFESTO FUTURISTA “POR UMA SOCIEDADE DE PROTEÇÃO DAS MÁQUINAS” DE FEDELE AZARI

VANESSA BEATRIZ BORTULUCCE¹

RESUMO: Este artigo apresenta, pela primeira vez em língua portuguesa, um manifesto escrito por Fedele Azari (1896-1930), um dos principais artistas da chamada segunda fase do Futurismo italiano. O texto “Por uma Sociedade de Proteção das Máquinas”, escrito em 1927, aborda uma questão vital da estética da vanguarda: a relação entre homens e máquinas dentro do contexto da sociedade industrial. O presente manifesto de Azari apresenta ao estudioso da teoria de arte uma oportunidade de entrar em contato com as ideias de um personagem pouco conhecido da vanguarda italiana.

PALAVRAS-CHAVE: futurismo italiano; Fedele Azari; arte moderna; teoria da arte.

1. Centro Universitário Assunção
bortu@hotmail.com



ABSTRACT: Questo articolo presenta, per la prima volta in lingua portoghese, un manifesto scritto da Fedele Azari (1896-1930), uno dei più importanti artisti della cosiddetta seconda fase del Futurismo italiano. Il testo “Per una Società di Protezione delle Macchine”, scritto nel 1927, tratta una questione fondamentale dell’estetica dell’avanguardia: il rapporto tra uomini e macchine all’interno del contesto della società industriale. Il presente manifesto di Azari presenta allo studioso della teoria dell’arte un’occasione per entrare in contatto con le idee di un personaggio poco noto dell’avanguardia italiana.

PAROLE CHIAVE: futurismo italiano; Fedele Azari; arte moderna; teoria dell’arte.

ABSTRACT: This article presents a manifest written by Fedele Azari (1896-1930) – one of the most important artists of the second phase of Italian Futurism – for the first time translated into portuguese language. The text, named “For a Machine Protection Society”, written in 1927, discuss a vital element of the avant-garde aesthetics: the relationship between men and machines into the industrial society. Azari’s manifesto presents to the researcher of Theory of Art an opportunity to know the ideas of a lesser known character of the Italian avant-garde.

KEYWORDS Italian Futurism, Fedele Azari, Modern Art, Art Theory

“Dê-me uma alavanca e um ponto de apoio e moverei o mundo”
Arquimedes

“Mi dispiace non essere costruito d'acciaio
e somigliare alla macchina per prolungare
a 10 secoli la mia esistenza”
Fortunato Depero, 1927

“Que esfinge de cimento e alumínio arrombou seus crânios
e devorou seus cérebros e imaginação? Moloch! (...)
Moloch cuja mente é pura maquinaria!
Moloch cujo sangue é dinheiro corrente!
Moloch cujos dedos são dez exércitos!
Moloch cujo peito é um dínamo canibal!”
Allen Ginsberg, *Uivo*, 1956

F

edele Azari (1896-1930) era um aficionado pelas máquinas, especialmente por aviões – além de projetá-los, foi um exímio piloto. Vivenciou de modo singular a proposta futurista de uma vida dinâmica e audaciosa: além de aviador, foi poeta, escritor, tipógrafo, editor e precursor da *aeropittura* futurista. Sua personalidade inquieta e seu gosto pela aventura o transformaram num pesquisador de sensações e visões inéditas, bem ao gosto da necessidade, tão exaltada pela vanguarda italiana, da descoberta de uma sensibilidade adequada aos novos tempos.

Sua existência criativa e frenética – pontuada por uma atração pela boemia e pelas drogas, e por colapsos nervosos que culminaram em seu suicídio em 1930 – o coloca em um dos postos mais importantes dentro da assim chamada segunda fase do Futurismo, que se iniciou ao final da Primeira Guerra Mundial, atravessando a década de 20. Personagem pouco conhecido e estudado nos ambientes acadêmicos brasileiros, Azari

representa, ao lado de figuras como Depero, Crali, Fillia e outros, o projeto futurista de integração entre arte e vida.

Em 1919, três anos depois de seu ingresso no grupo de Marinetti, Azari escreveu “O teatro aéreo futurista”, manifesto apresentado por ele na conclusão da Grande Esposizione Nazionale Futurista de Milão e lançado em forma de panfleto pelos céus da Itália. Sua habilidade de aviador a serviço da propaganda transformou-o em um dos maiores representantes da panfletagem publicitária no país, levando-o a realizar inúmeros vôos comerciais. Junto com Mario Gastaldi foi o fundador, em 1921, da SIAC (Società Italiana di Aviazione Civile), a primeira sociedade italiana com permissão para transportar passageiros civis com propósito turístico, bem como realizar voos de propaganda, de aerofotografia e aerocinematografia.

Em 1924 foi nomeado por Marinetti primeiro secretário nacional do movimento futurista; no mesmo ano publicou o manifesto “Flora futurista e equivalentes plásticos dos odores artificiais”.² No ano seguinte cuidou da montagem da sala italiana na Exposition Internationale des Arts Decoratives, em Paris, e junto com Marinetti fundou a Sociedade de Proteção das Máquinas. Em 1926, expôs na Bienal de Veneza sua pintura *Prospettive di Volo*, considerada uma obra-prima da aeropintura.

O ano de 1927 foi marcado por diversas atividades que conduziram o artista a um esgotamento físico e mental. Além de organizar mostras de arte futurista pelo país, Azari expandiu a sua Casa de Arte (espécie de ateliê do artista) localizada em Milão, ao fundar a Dinamo-Azari³, definida desta forma por ele próprio: “oficina de arte – editora – mostra de quadros – escultura e plásticas diversas – fábrica e armazém de modernidade original – cartazes – arte aplicada – decoração de interiores – compra e venda de ideias – resenha do Futurismo e das vanguardas artísticas e científicas”.⁴ A Editora Dinamo-Azari publicou dois livros: *Depero Futurista*, o célebre *libro-bullonato* (“livro-aparafusado”), realizado em conjunto com o próprio Depero, e *Umberto Boccioni – Opera Completa*, escrito por Marinetti. Ainda no mesmo ano, escreveu os manifestos “Vida simultânea futurista” e “Por uma sociedade de proteção das máquinas” – este último apresentado, pela primeira vez em língua portuguesa, no final deste artigo. No final do ano, tomado pelo esgotamento nervoso, provavelmente agravado pelo uso de narcóticos, mudou-se para Pallanza, afastando-se de suas atividades, que

2. Os dois outros manifestos de Azari “Vida Simultânea futurista” e “Flora futurista e os equivalentes plásticos dos odores artificiais” foram traduzidos pela autora deste artigo e publicados no número 13 da Revista de História da Arte e Arqueologia do IFCH – UNICAMP (ISSN 1413-0874).

3. “Dinamo” era a alcunha artística de Azari.

4. PARACHINI, L. “Fedele Azari”. In: <http://www.verbanensia.org/scrineum/Azari,%20Fedele.pdf>.

ele nunca mais retomaria de modo regular. Uma de suas últimas participações do movimento futurista foi a publicação, junto com Marinetti, do *Primo Dizionario Aereo*, em 1929.

O manifesto “Por uma sociedade de proteção às máquinas” participa de uma relação complexa que o Futurismo manteve com a tecnologia e o maquinário. De fato, o relacionamento entre homem e máquina nunca foi simples, especialmente no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, períodos marcados por visões distintas em relação aos novos tempos industriais: de um lado, o entusiasmo e as expectativas em torno das possibilidades proporcionadas pelas invenções e produções de uma gama variada de instrumentos que, ao agirem no cotidiano do homem, asseguravam a promessa de que o futuro da humanidade seria mais leve, mais fácil, destituído do fardo do trabalho, impregnado de conforto. Alimentou-se a ideia de que o homem podia dominar de modo absoluto a natureza, especialmente por meio das máquinas. Esta ideia dividiu espaço com outra visão, a de que as máquinas e a técnica seriam responsáveis pela desgraça humana, ao escravizar, dominar e tolher as liberdades do homem, transformando-o permanentemente em seu escravo⁵. Assim, em relação à afirmação do modo de produção capitalista e de tudo o que dele surge, o entusiasmo divide espaço com a repulsa; o desenvolvimento do maquinário será, para o homem, fonte de orgulho e de angústia⁶.

Concepções otimistas à parte, a aversão pela máquina e por outros “artifícios” não é uma novidade na história: Platão, em postura misoneísta, afirmava que recorrer ao uso da técnica era atitude vulgar e banal, que deteriorava toda dignidade humana; as aparelhagens e os protótipos de Leonardo foram vistos por muitos como divagações de um visionário; os ludistas ingleses incendiaram e desmantelaram as primeiras máquinas industriais, manifestando-se contra a mecanização do trabalho. Teóricos como Owen, Saint-Simon, Fourier, Marx, Engels, Spengler e Heidegger, apenas para citar alguns exemplos, imaginaram a máquina como um novo Leviatã, que impunha ao homem a dura escolha de transformar-se ou morrer. O próprio cinema prolongou até os nossos dias a ideia da máquina como uma astuta e silenciosa ameaça para o homem, ao cristalizar imagens tais como o Robô construído pelo cientista Rotwang em *Metrópolis*, o computador HAL-9000 do *2001* de Kubrick, os ciborgues de *O Exterminador*

5. A literatura fantástica contribuiu e muito para o desenvolvimento e disseminação de determinadas ideias sobre a máquina, e embora a maioria das obras escritas adotasse uma postura pessimista sobre a questão, o Futurismo soube convertê-la numa chave otimista. Poderíamos citar as obras *Le Docteur Lerne*, de Maurice Renard (1908), a peça *R.U.R.*, de Karel Capek (1920), e as obras de H. G. Wells, *A Máquina do tempo* (1895) e *Guerra dos Mundos* (1898).

6. O novo mundo industrial será visto por muitos como um universo marcado pela feiúra e pela degenerescência, apesar daqueles pensadores e escritores “que se entusiasmaram com extraordinárias novidades”, como observou Umberto Eco: “Basta lembrar de Giosuè Carducci que em seu *Hino a Satã* (1863) celebra o trem a vapor como ‘monstro belo e horrível’ que simboliza, com o progresso, a revanche de um Satanás que se rebela contra o obscurantismo medieval. Mas começa igualmente uma crítica do universo industrial, cuja

do *Futuro* e as máquinas que escravizavam humanos em *Matrix*.

Refletir acerca da presença da máquina na estética do Futurismo significa ter em mente este complexo caldo de ideias que permeou a época de seu surgimento e desenvolvimento enquanto vanguarda. Na intrincada rede de símbolos do manifesto inaugural de 1909, vemos emergir a metáfora do automóvel que invade o espaço urbano na exaltação frenética de Marinetti da potência daquela que seria a primeira “máquina-símbolo” do grupo – ao lado dos trens e dos bondes, transformou-se no emblema mecânico do Futurismo pré-1914 –, algo “mais belo do que a Vitória de Samotrácia”, como Azari irá relembrar ao leitor, logo no início do seu manifesto aqui apresentado.

A presença de uma exaltação do maquinário e da técnica nos primeiros anos do Futurismo contrastou com a prevalente visão cultural italiana, que torcia o nariz para estas questões, imersa em um cenário em que a ausência de uma cultura científica produziu angústias tecnológicas e distorções de todo tipo. Marinetti exaltava o automóvel em uma Itália que por um lado recebia, quase de um só golpe, a instalação de diversas indústrias ao norte, enquanto o sul do país, agrário, impregnado de valores regionais, nada assiste e pouco conhece destas “maravilhas da modernidade”. A maioria dos cidadãos desta nação recém-unificada, com altas taxas de analfabetismo⁷, não acolhe a tecnologia de modo efusivo; Marinetti, por sua vez, procura multiplicar, com seu fermento futurista, o entusiasmo acerca das inovações tecnológicas que impregnava as grandes metrópoles europeias. De fato, “a história da cultura italiana poderia assim ser escrita como a história de uma ausência, ao menos a partir dos últimos três séculos: a ausência da ciência como fundamento de uma cultura moderna, não obstante tentativas esporádicas feitas e algumas débeis diferenças regionais, que não prevaleceram”⁸.

Tudo isso colabora para que a própria vanguarda não possua um consenso em relação ao significado da máquina na sociedade moderna. É preciso observar que a diversidade de teorias e propostas que caracteriza a experiência futurista, bem como sua longa duração (de 1909 até início da década de 40), não permite que se fale de um comportamento sempre idêntico do movimento no que concerne às questões da máquina; a relação entre esta e a arte está longe de ser, no Futurismo, uma expressão codificada, cada artista a entende e a interpreta de modo pessoal. A vanguarda nasceu com a ideia da exaltação da máquina como a manifestação superior da matéria

expressão mais famosa será o *Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Engels (1848)”. ECO, U. (org). *História da Feitura*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p.333.

7. Na Itália, em 1861, dos 23 milhões de habitantes, 17 milhões eram analfabetos e apenas pouco mais de dois italianos a cada cem falavam a língua nacional. Em 1911, 38% da população ainda é analfabeta, com grandes diferenças territoriais. Cf. ALBINI, P. “Tecnologia e Novecento”. In: *Manifesti Futuristi – Scienze – macchine – natura*. s.l.: 2003, p. 32. Disponível em www.superlibri.com.

8. ALBINI, P. op.cit.

organizada e vital. Na alegoria marinettiana, a máquina ocupa o lugar de um deus; ela é, ao mesmo tempo, símbolo e elemento real, tangível, um meio pelo qual o homem realizará os seus desejos. Na maior parte do tempo, os futuristas proclamaram a necessidade de uma harmonia entre o mundo dos homens e o mundo metalizado, com um entusiasmo radical que professava sua fé nos destinos futuros da humanidade, vistos por meio da perfeição mecânica que permitiria ao homem a ampliação irrestrita de sua criatividade. É a partir da empatia entre estes dois mundos que nascerá o homem moderno, um ser absolutamente diferente, audacioso e cruel, revestido de aço, sujo do óleo dos motores e de combustível, que afirmará a sua superioridade.

Com o passar dos anos, a poética futurista ultrapassou os limites da mera exaltação do maquinário e das pinturas representando automóveis e trens para envolver-se em questões teóricas mais profundas sobre a tecnologia; assim, o entusiasmo acrítico em relação a máquina perde a sua força, cedendo espaço a uma visão mais coerente dos problemas estéticos que surgem devido a presença do maquinário no mundo moderno, ampliando-se as possibilidades de desenvolvimento de uma nova estética. A difusão da arte mecânica na Itália dos anos vinte efetuou-se igualmente mediante as trocas com outras correntes da vanguarda europeia: personagens como Fiozzi, Prampolini e Pannaggi (que em 1923 assinam o manifesto da Arte Mecânica) e Diulgheroff estão em contato com os artistas do *De Stijl* e da Bauhaus, enquanto Fillia e Paladini voltam-se para Léger e para o grupo *Esprit Nouveau*. Este novo momento do Futurismo voltou-se para novas visões acerca da máquina e de seu relacionamento com o homem, encontrando na robotização do homem o seu tema central: após a fetichização da máquina, temos a máquina integrada à vida humana. Alguns, contudo, irão adotar uma postura de denúncia, manifestando os males decorrentes dos avanços tecnológicos, afirmando que o homem perdeu o controle dos mesmos⁹.

Temos desta forma a presença do tema da máquina em diversos campos de atuação da vanguarda, manifestando escolhas ideológicas: máquina como aliada dos trabalhadores (Paladini, Azari, Marinetti), como inspiração para invenções lúdicas (Balla) e estilizações *naïve* (Depero); máquina como inspiração coreográfica no Balé Mecânico; o robô como protagonista de obras teatrais (cujo trabalho pioneiro neste sentido é peça R.U.R., do escritor tcheco Karel Capek, de 1920); máquina como figuração irôni-

9. Em 1923 Ruggero Vasari escreveu um drama que exemplifica a crescente ambivalência em relação às máquinas que emergiu nos anos 20. O enredo da peça, intitulada *L'Angoscia delle Macchine* (A angústia das Máquinas) apresenta um planeta distante, dotado de alta tecnologia, onde homens e máquinas são dominados por uma máquina-cérebro. Vasari, um ativo poeta, dramaturgo e negociante de arte na Itália e na Alemanha, editor do jornal berlinense *Der Futurismus*, explicou em uma carta de 1931: "eu vou além do Futurismo porque embora de um lado eu exalte a máquina... de outro eu sinto horror! E por quê? Porque a mecanização destrói o espírito". Apesar destas palavras de Vasari, Marinetti elogiou o livro de Vasari, chamando-o de "uma das mais importantes obras futuristas", e Pannaggi realizou o design da capa da publicação. Cf. NAZZARO, G. B. *Introduzione al Futurismo*. Napoli: Guida Editori, 1973, p. 125-26.

ca (Diulgheroff), como instrumento de reflexão espiritualista (Fillia), como inspiração para a construção de *assemblages* mecânicas (Bot); máquina como escultura, realizada em metal cromado (Thayaht), etc.

Assim, a relação do Futurismo com o tema da máquina está repleta de nuances e complexidades. Seja de forma jubilosa, seja de modo angustiante, a problemática de identificação do homem com a máquina circula em todo o Futurismo. O confronto de um com o outro é inevitável, e os integrantes da vanguarda perceberam neste conflito a possibilidade de criar uma arte inteiramente nova, explorando características que vão desde os aspectos lúdicos das engrenagens mecânicas até uma reflexão sobre o mundo industrial em sua totalidade.

Do ponto de vista social das tecnologias modernas poderíamos destacar, em resumo, duas interpretações principais acerca da mecanização, com numerosas variantes, que podem ser identificadas em momentos distintos da vanguarda futurista. A primeira é marcada por um tom frenético de exaltação do maquinário: possui um teor fortemente otimista, provocador, associado à estética da velocidade e do dinamismo; também manifesta, em alguns momentos, uma aspiração socialista, estando ligada, entre outras fontes, às ideias de Paul Lafargue, que via na mecanização da produção a oportunidade para todos os homens dedicarem-se às artes e às nobres virtudes, desfrutando de seu direito ao ócio. Com o slogan “libertação do homem do trabalho”, a máquina é individualizada por Marinetti como um meio que libertará a humanidade do trabalho assalariado¹⁰. No seu manifesto “Para além do Comunismo”, de 1920, Marinetti havia imaginado, retomando ideias da escola marxista, os benefícios da mecanização:

O proletariado dos geniais, colaborando com o desenvolvimento das máquinas industriais, atingirá aquele máximo salarial e mínimo de trabalho manual que, sem diminuir a produção, poderá oferecer a todas as inteligências a liberdade de pensar, criar e gozar artisticamente¹¹.

É perceptível, aqui, o desejo do Futurismo em criar uma aliança entre a vanguarda artística e a vanguarda do movimento operário; contudo, esta relação entre tecnologia, questão social e estética moderna fez com que os futuristas recebessem, a partir de

10. Esta visão está ligada a uma conotação negativa do trabalho, entendido como uma maldição e um fardo para o homem – segundo uma consolidada tradição judaico-cristã – e não como um instrumento para desenvolver a autonomia a dignidade do indivíduo. Também aqui é preciso lembrar da educação jesuítica recebida pelo jovem Marinetti.

11. F. T. Marinetti, “Para Além do Comunismo”, In: BERNARDINI, A. F.(org.). *O Futurismo Italiano – Manifestos*. São Paulo: Perspectiva, 1980, p. 245.

1922, duros ataques por parte da direita fascista, incluindo os expoentes menos extremistas do regime, como Bottai.

A segunda interpretação relaciona-se com aspectos da vanguarda marcados pelo tom mais reflexivo e menos exultante do maquinário, voltada para os efeitos do sistema das máquinas sobre a vida humana. A industrialização dos anos vinte, que havia passado por vários avanços desde o início do século, somou-se com a afirmação de um regime político que traiu muitas das expectativas futuristas, neutralizando os seus componentes anárquicos e subversivos.

A chegada do fascismo ao poder irá privar a arte mecânica de qualquer simbolismo que possa ligá-la ao mundo social do trabalho. Giovanni Lista observa que “mesmo nas suas inflexões lúdicas, tecnológicas ou espiritualistas, a estética mecânica será duramente combatida pelo fascismo na qualidade de refletir as realidades socioculturais do proletariado urbano”.¹² Ao privilegiar os valores rurais, o fascismo opôs-se à poética futurista, que aos poucos foi abandonando a estética da velocidade para adotar aquela das formas funcionais e dos ritmos mecânicos, manifestando um idealismo carregado por uma profunda crise, na qual a vanguarda busca se acomodar: “é sobretudo o espiritualismo próprio ao clima natural do pós-guerra que vai ocupar o vazio criado pelo abandono de todo engajamento político”.¹³ Também ganhou espaço a ideia de que uma adesão acrítica ao maquinismo industrial significava simplesmente sustentar o materialismo capitalista.

De todas as formas, persiste no Futurismo a ideia de um humanismo tangível e premente, o que nos leva a afirmar que tal movimento não pode ser ingenuamente reduzido a uma simples celebração da máquina e de sua estética: “na realidade, a exaltação futurista da modernidade jamais ignora o seu humanismo que, desde sempre, irriga profundamente a cultura italiana (...). A arte mecânica futurista é determinada em função de uma aproximação dionisíaca da metrópole moderna”.¹⁴ O referencial futurista é sempre o homem, seja como aquele que manifesta sua simpatia diante da máquina, reconhecendo na mesma beleza e potencial infinitos, seja como aquele que resistirá face a mecanização dos modos de vida que engendram a civilização industrial. São duas realidades – a humana e a mecânica – que se aproximam e se opõem ao mesmo tempo, movidas pelos antagonismos e pelas complementaridades. O projeto

12. LISTA, G. *Le Futurisme – Création et Avant-garde*. Paris: Les Éditions de l'Amateur, 2001, p. 252.

13. Op. cit., p. 252.

14. Op. cit., p. 256.

futurista é o projeto de uma renovação antropológica do homem, ampliando o mundo da experiência sensível, que passa pela exploração das possibilidades tecnológicas.

No caso de Azari, seus textos defendem a preservação da centralidade do homem no universo por meio de uma inaudita aliança com a máquina, através de uma revolução dos sentidos e das capacidades perceptivas, bem como por meio de uma abertura a tecnologia. A estética da máquina reforçou a postura da vanguarda que estava determinada a afastar-se dos cânones de uma estética usual, contemplativa e ligada à tradição (linha então representada na Itália sobretudo por Croce), e que defendia a construção de uma estética do fazer, ligada a valores dinâmicos, afirmando a técnica como um dado constituinte, e não acidental. Embora a própria ideologia futurista tenha sofrido alguns ajustes em seu percurso, devemos a ela a defesa de uma arte distanciada do puro idealismo.

Este humanismo transformado, que não abole a presença da máquina, é o humanismo que permeia todo o texto de Azari: ao preservar a máquina, o homem preservará a si próprio. O indivíduo, na visão absolutamente lírica de Marinetti, como o ciborgue constituído de partes trocáveis, feito de nervos e parafusos, é uma imagem que reforça a defesa feita pela vanguarda de uma sociedade industrial que saiba acolher, de modo idêntico, o homem e a máquina, que compartilharão o espaço na mais completa harmonia, desenvolvendo um relacionamento baseado na solidariedade e na assistência mútua.

Em suas reflexões sobre a máquina em si – e não somente como símbolo, alegoria ou metáfora – Azari discute o lugar desta na sociedade industrial, e as suas relações com o homem¹⁵. Seu manifesto adquire um tom marcado pelo psicologismo da máquina, vista como um organismo autônomo, dotada não somente de habilidades específicas, mas de sensibilidade e solidariedade; com estes argumentos Azari sustenta sua defesa por uma criação de uma irmandade entre seres mecânicos e o homem.

O que distingue de fato o Futurismo de outros movimentos artísticos do período é a crença de que a presença das novas tecnologias não se limita a esse ou aquele campo da atividade artística, mas modifica tudo, e mais ainda, altera o costume cotidiano e o modo do homem ver a si mesmo e o mundo. O sentir, o pensar e o olhar mudam em profundidade, reorganizando-se em processos perceptivos inéditos, em modelos de

15. Azari partilha, em seu texto, da mesma opinião de Marinetti, que “declarava absurda e infantil a tentativa de querer simplesmente reportar a máquina sobre a tela, sem preocupar-se minimamente em imprimir ao objeto estético o espírito, o movimento interno e propulsor que chega aos homens pelo dinamismo de uma civilização baseada em procedimentos mecânicos”. (NAZZARRO, 1973, p. 117).

ações que permitam novas experiências, novos panoramas mentais.

É nesta perspectiva que Azari nos apresenta seu universo amigável, que enxerga a máquina como um ser vivo, que alimenta a ideia de solidariedade e empatia dos homens com as máquinas, que ressalta a cumplicidade entre o homem e os motores, enfim, que vislumbra o reino mecânico aliado à humanidade: ideias que estão ligadas a visão futurista do significado e propósito da arte e ao projeto de integração entre arte e vida, ideias que transmitem reflexões acerca do fim do status ontológico da arte:

Eis o porquê de Marinetti ter proclamado o surgimento de uma estética do efêmero. A arte não estava mais destinada ao museu, ela se torna uma prática social. Sua nova função permite ao artista moderno não mais interpretar o processo de transformação da sociedade, mas participar diretamente, tornando-se um dos atores desta modificação constante da realidade que engendra um novo mundo da metrópole, da máquina, da velocidade. Para Marinetti, a publicidade é inerente à forma moderna de arte e ao novo modelo sociológico do artista de vanguarda.¹⁶

A defesa por um relacionamento amigável entre homem e máquina por Azari está portanto ligada a convicção de que é um dever e um direito do artista moderno intervir na sociedade, envolvendo-a na construção de uma nova sensibilidade artística. Seu texto, ao dialogar com as propostas expressas por Balla e Depero anos antes, em 1915, no manifesto “Reconstrução Futurista do Universo”, mostra que a força e o significado do movimento futurista residem precisamente em seus múltiplos interesses e contribuições interdisciplinares¹⁷. As ideias de Azari implicam, desta forma, em um novo significado das palavras “arte” e “artista”, repetindo o que Corradini e Settimelli afirmaram em seu manifesto “Pesos, medidas e preços do gênio artístico”:

Assim, destruído o esnobismo passadista da arte ideal, da arte-sublimidade-sacra-inacessível, da arte-tormento-pureza-voto-solidão-desprezo da realidade, anemia melancólica de desmiolados que se apartam da vida real porque não sabem enfrentá-la, o artista encontrará finalmente o seu lugar *dentro da vida*; entre o salsicheiro e fabricante de pneumáticos, entre o coveiro e o especulador, entre o engenheiro e o agricultor.¹⁸

16. LISTA, G. op. cit., p. 290.

17. Neste sentido, Nazzaro observa que “(...) não por acaso, na Conferência sobre Futurismo ocorrida na Sorbone na primavera de 1924, ele [Marinetti] proclamou Leonardo da Vinci o próprio símbolo do homem futurista, dada sua insaciável sede de aventuras artísticas e científicas”. (NAZZARO, 1973, p. 116).

18. B. Corradini e E. Settimelli. “Pesos, medidas e preços do gênio artístico – manifesto futurista”. (BERNARDINI, 1980, p. 137).

POR UMA SOCIEDADE DE PROTEÇÃO DAS MÁQUINAS

Fedele Azari, 1927

Os futuristas e o valor estético da máquina

Desde a fundação do futurismo, nós sempre exaltamos a máquina como o valor estético máximo: “... um automóvel de corrida é mais belo do que a Vitória de Samotrácia” (primeiro Manifesto do Futurismo – fevereiro de 1909).

A poderosa obra de influência realizada em menos de vinte anos pelo futurismo no mundo todo liga-se em grande parte à influência e à exaltação da máquina (esplendor geométrico e mecânico, dinamismo, velocidade). Os futuristas foram os primeiros a ver na máquina não somente a maravilhosa conquista utilitária da humanidade, mas também a síntese da nova estética que mudará o aspecto do mundo mediante uma reconstrução futurista do nosso planeta inteiramente geométrica, mecânica, artificial, automática.

A redenção do trabalho manual

A máquina enriqueceu nossa vida, a máquina multiplicou nossa existência, a máquina destruiu as distâncias, a máquina aumentou nosso padrão de vida.

A máquina que nós adoramos com nossa fé entusiasta de precursores e de artistas purificados, libertos de toda influência arqueológica nos libertará da escravidão do trabalho manual e eliminará definitivamente a pobreza e, portanto, a luta de classes.

A fabricação, a confecção e a apresentação dos alimentos, a demolição e a reconstrução das casas, o carregamento e o transporte das mercadorias e dos homens, a fabricação de cada objeto necessário ou supérfluo serão executados com surpreendente rapidez e facilidade por uma multidão de seres silenciosos comandados sem esforço por poucos privilegiados. Tais privilegiados, como recompensa especial, poderão dedicar-se (em turnos e em apenas algumas horas ao dia) ao agradável passatempo de conduzir as harmoniosas e elegantes equipes das máquinas.

A máquina é filha do nosso cérebro

Ao criar uma máquina mesmo a mais simples, para executar um determinado trabalho, seleciona-se entre todos os movimentos possíveis o gesto mais preciso e mais eficaz (por exemplo, o movimento imperfeito de uma faca é estabelecido com precisão retilínea por uma plaina mecânica).

As imperfeições primordiais da translação que assim como se encontra na natureza são harmonizadas pela habilidade mecânica, que multiplica seu desempenho (por exemplo, o movimento alternado das pernas, das nadadeiras, das asas, transformado pela roda, pela hélice de navio, pelo vóo deslizante dos aviões).

A rebeldia, a debilidade, a inconstância do mundo animal (incluindo-se aí o homem) são reparados com a potência concentrada, a precisão inexorável, a constância e a sinceridade da máquina.

Máquina=Homem aperfeiçoado e multiplicado

Uma calculadora mecânica não erra uma única soma, o automóvel e o avião são incansáveis, os dínamos e os motores aperfeiçoados giram por anos consecutivos sem quase necessitar de manutenção. A invenção do telefone automático, que permite vinte conversas diferentes em quinze minutos, é praticamente mais importante do que a invenção do próprio telefone, pelo único fato de ter eliminado também aquele simples intermediário, o elemento homem.

A máquina, ser vivo

Nós já pressentimos, nestes primeiros seres da geração futura, não somente o inegável princípio de vitalidade, mas também um embrião de vida-instinto e de inteligência mecânica, projetados neles pelo inventor que os criou, mas que se tornam quase autônomos, tão logo a máquina começa a mover e a operar por conta própria, ainda que sob a direção e o freio do homem.

Nós temos máquinas falantes; temos verdadeiras Máquinas que raciocinam, as

calculadoras pitorescamente definidas por “cérebros de aço”; além disso, a teleme-cânica nos permite dirigir ou fazer voar, sem piloto, automóveis e aviões. Assim, no futuro todos estes mecanismos serão acoplados e combinados e criar-se-ão máquinas que, após terem recebido instruções verbais, irão executar determinados trabalhos com a máxima precisão e com constância louvável.

A sensibilidade das máquinas

Muitos operadores de máquinas ou de motores sabem que estes sofrem a influên-cia de diversos elementos, tais como as condições atmosféricas ou certas horas do dia, a mudança de ambiente ou de condições peculiares de trabalho, como, por exemplo, a mudança de mão do manobrista.

Existem, sem dúvida alguma, fatores de sensibilidade, de suscetibilidade e até mesmo de solidariedade entre as máquinas. Limitar-me-ei a citar dois exemplos típi-cos que constatei na minha experiência de aviador e de automobilista.

Nos campos de aviação verifica-se algumas vezes que todos ou quase todos os motores, ao mesmo tempo, relutam em pôr-se em movimento ou funcionam imperfei-tamente, e isto ocorre independentemente das condições de manutenção ou de tempe-ratura, atmosfera etc.

Outro exemplo dessa solidariedade entre as máquinas é dado pelo melhor funcio-namento que há algum tempo possuem as partidas elétricas para automóveis. E não somente aqueles construídos mais recentemente e portanto mais aprimorados, mas também aqueles de fabricação anterior que, sendo poucos, tímidos e hesitantes, ini-cialmente não queriam saber de funcionar, forçando frequentemente o automobilista a sair do carro para usar a manivela.

Defendamos as máquinas

Todos os operadores de máquinas encontram e reconhecem nelas os sintomas pri-mordiais de vitalidade, mas infelizmente ainda são inúmeros os brutos que não respei-tam o ritmo milagroso das máquinas e especialmente dos motores.

Assim, sem necessidade, não raro submetem as máquinas a manobras e a condições de funcionamento que são verdadeiros maus tratos e torturas a estes seres que merecem, pelo contrário, a nossa mais grata consideração.

Os delitos mais comuns

Acelerar exagerada e repetidamente, sem necessidade, um motor (por exemplo, do automóvel com marcha não engatada) equivale a chicotear um cavalo deixando-o impaciente e detendo-o com as rédeas (motor “engasgado”).

Um motorista que não reduz suficientemente o engate da marcha para concluir uma subida é tão culpado como alguém que obrigasse animais de carga excessivamente carregados a completar, em grande velocidade, a mesma subida (o motor está fora de ponto).

Colocar para funcionar uma máquina com insuficiência de lubrificação ou de água para o resfriamento é pior que manter um animal sem dar-lhe comida; (se ao contrário, se à máquina faltar apenas o combustível, essa se limitará a parar, sem danos e sem sofrimentos).

Recordo um caso horrível ocorrido durante a guerra e precisamente no período no qual se improvisavam os condutores de automóveis.

Um desses torturadores de máquinas, talvez mais desgraçado que culpado, conduziu um grande caminhão militar de Turim a Brescia, sempre usando exclusivamente a primeira marcha e parando só de tempos em tempos para abastecer de água o radiador, para ele inexplicavelmente quente. Os sofrimentos e a inevitável ruína daquele heróico motor não tiveram sua vingança.

Todos os aviadores, os motoristas e os maquinistas dignos deste título podem compreender as aflições de um motor “engasgado” ou que está fora de ponto e o quanto é torturante para um motor interromper repentinamente seu funcionamento por falta de lubrificante.

Alguns dentre os mais dotados de sensibilidade já costumam intervir quando se verificam tais obscenidades e não é raro, por exemplo, escutar um motorista gritar com

um colega porque este maltrata um motor, especialmente no caso (mais facilmente detectável devido ao barulho) do assim chamado “afogamento”.

Em todo caso, pelos motivos acima mencionados, aos quais se acrescentam outros de caráter econômico-social e também estéticos por nós futuristas, eu proponho que se constitua uma:

Sociedade de proteção das máquinas

Com o propósito de proteger e fazer respeitar a vida e o ritmo das máquinas e especialmente dos motores, que dentre as máquinas são os mais sociáveis.

Tal sociedade poderá ter funções e meios análogos àqueles da atual Sociedade de proteção dos animais, aliás, gradualmente a substituirá.

Com efeito, a lenta mas contínua diminuição dos animais (cavalos, cães, feras, animais silvestres, etc.) bem como a próxima substituição da alimentação artificial àquela vegetal e animal levará inexoravelmente ao total desaparecimento dos animais da terra.

Esta será uma característica da era da máquina que as nossas fantasias futuristas veem na resplandecente harmonia das cidades futuras, desentulhadas das feiúras disformes e passadistas de pedras, estuques e tijolos, das linhas indecisas, livres de todas as ruínas, limpas dos mofos vegetais (árvores e jardins) e da promiscuidade animal: cidades futuristas geometrizadas nas mais diversas estilizações arquitetônicas, concreto armado, aço, cristal, ultra luminosidade, dinamismo mágico e velocidade silenciosa e máquinas, máquinas, máquinas, máquinas, máquinas.

Amemos as máquinas, protejamos as máquinas.

Tradução: Vanessa Beatriz Bortulucce

Per una Società di Protezione delle Macchine

(MANIFESTO FUTURISTA)

I futuristi ed il valore estetico della macchina.

Fin dalla fondazione del futurismo, noi abbiamo sempre esaltato la macchina quale massimo valore estetico: «... un automobile da corsa è più bello della *Vittoria di Samotracia* » (primo manifesto del futurismo - febbraio 1909).

La poderosa opera di influenza compiuta in meno di un ventennio dal futurismo in tutto il mondo è legata in gran parte all'influenza ed alla esaltazione della macchina (*splendore geometrico e meccanico, dinamismo, velocità*). I futuristi hanno visto per primi nella macchina oltre che la più meravigliosa conquista utilitaria dell'umanità, anche la sintesi della nuova estetica che cambierà la faccia del mondo mediante una ricostruzione futurista del nostro pianeta interamente geometrica, meccanica, artificiale, automatica.

La redenzione dal lavoro manuale.

La macchina ha arricchito la nostra vita, la macchina ha moltiplicato la nostra esistenza, la macchina ha distrutto le distanze, la macchina ha aumentato il nostro tenore di vita.

La macchina che noi adoriamo con la nostra fede entusiasta di precursori e di artisti mondi da ogni influenza archeologica ci redimerà dalla schiavitù del lavoro manuale ed **eliminerà definitivamente la povertà e quindi la lotta di classe.**

La fabbricazione, la confezione e la presentazione degli alimenti, la demolizione e la ricostruzione delle case, il caricamento ed il trasporto delle merci e degli uomini, la fabbricazione di ogni oggetto necessario o voluttuario saranno compiuti con sorprendente rapidità e facilità da una moltitudine di esseri silenziosi comandati senza fatica da pochi privilegiati. I quali privilegiati avranno ottenuto come speciale concessione di potersi dedicare (a turno e solo a qualche ora al giorno) al piacevole passatempo di guidare le squadre armoniose ed eleganti delle macchine.

La macchina è figlia del nostro cervello.

Nell'ideare una macchina, anche la più semplice, si seleziona fra tutti i movimenti possibili per compiere un dato lavoro il gesto più preciso e più efficace (*esempio il movimento imperfetto di un coltello viene fissato con precisione rettilinea da una piallatrice meccanica*).

Le imperfezioni primordiali della traslazione quale si trova in natura, sono armonizzate dall'artificio meccanico che ne moltiplica il rendimento (*esempio il moto alternativo delle gambe, delle pinne, delle ali trasformato dalla ruota, dall'elica marina, dal volo scivolante degli aeroplani*).

L'indocilità, la debolezza, l'incostanza del mondo animale (uomo incluso) sono rimediate con la potenza concentrata, l'inesorabile precisione, la costanza e la sincerità della macchina.

Macchina = Uomo perfezionato e moltiplicato.

Una calcolatrice meccanica non sbaglia una somma, l'automobile e l'aeroplano sono instancabili, le dinamo ed i motori perfezionati turbinano per anni consecutivi senza quasi richiedere manutenzione.

L'invenzione del telefono automatico che permette di fare venti conversazioni diverse in un quarto d'ora è praticamente più importante dell'invenzione del telefono stesso per il solo fatto di aver eliminato anche quale semplice intermediario l'elemento uomo.

La macchina essere vivente.

Noi già sentiamo in questi primi esseri della generazione futura, non solo l'innegabile principio di vitalità ma anche un embrione di **vita-istinto** e di **intelligenza meccanica**, proiettate in essi dall'inventore che le creò ma che diventano quasi autonome appena la macchina comincia a muoversi ed operare per conto proprio sia pure sotto la guida ed il freno dell'uomo.

Noi abbiamo delle macchine parlanti; abbiamo delle vere **macchine ragionanti** quali sono le calcolatrici pittorescamente definite: « *cervelli d'acciaio* »; inoltre la telemeccanica ci consente di dirigere o far volare senza pilota automobili ed aeroplani. In avvenire saranno quindi accoppiati e fusi tutti questi meccanismi e si creeranno macchine che, dopo aver ricevuto istruzioni verbali, si recheranno a compiere determinati lavori con la massima precisione e con lodevole costanza.

La sensibilità delle macchine.

Molti maneggiatori di macchine o di motori sanno che questi subiscono l'influenza di svariati elementi quali le condizioni atmosferiche o certe ore del giorno, il mutamento d'ambiente o di speciali condizioni di lavoro come ad esempio il *cambiamento di mano* del manovratore.

Vi sono indubbiamente fatti di **sensibilità**, di **suscettibilità** e persino di **solidarietà fra le macchine**. Mi limiterò a citare due tipici esempi che ho constatato nella mia esperienza di aviatore e di automobilista.

Nei campi d'aviazione si verifica qualche volta che tutti o quasi tutti i motori sono contemporaneamente riluttanti a mettersi in moto o funzionino imperfettamente, e questo *indipendentemente dalle condizioni di manutenzione o di temperatura, atmosfera, ecc.*

Un altro esempio di tale solidarietà fra macchine è dato dal migliore funzionamento che da qualche tempo hanno gli avviamenti elettrici per automobili. E non solo quelli di recente costruzione e quindi più perfezionati ma anche quegli stessi di prima fabbricazione che trovandosi in pochi, timidi ed incerti inizialmente non ne volevano sapere di funzionare obbligando sovente l'automobilista a scendere di macchina per usare la manovella.

Difendiamo e proteggiamo le macchine.

Tutti i manovratori di macchine riscontrano e riconoscono in esse primordiali sintomi di vitalità, ma sono purtroppo numerosi i bruti che non rispettano il ritmo miracoloso delle macchine e specialmente dei motori.

Così non di rado vengono sottoposti senza necessità a manovre ed a condizioni di regime che sono veri maltrattamenti e torture questi esseri che meritano invece la nostra più riconoscente attenzione.

I Delitti più comuni.

Accelerare esageratamente e ripetutamente a vuoto un motore (per esempio d'automobile con marcia non innestata) equivale a frustare un cavallo facendolo scalpitare e trattenendolo con le redini (*motore imballato*).

Uno *chauffeur* che non riduce sufficientemente il rapporto della « marcia » per compiere una salita è colpevole come chi facesse compiere di corsa la stessa salita ad animali da traino eccessivamente caricati (il motore « batte in testa »).

Far marciare una macchina con insufficienza di lubrificazione o d'acqua per il raffreddamento è peggio che tenere un animale senza dargli nutrimento; (se invece alla macchina fate mancare solo il combustibile essa si limiterà a fermarsi, senza guasti e senza sofferenze).

Ricordo un caso orribile avvenuto durante la guerra e precisamente nel periodo in cui più improvvisavano i conducenti di automobili.

Uno di questi aguzzini delle macchine forse più disgraziato che colpevole, condusse un grosso camion militare da Torino a Brescia sempre usando esclusivamente la prima marcia e fermandosi solo di tanto in tanto per rifornire di acqua il radiatore per lui inesplicabilmente rovente. Le sofferenze e l'inevitabile rovina di quell'eroico motore rimasero invendicate.

Tutti gli aviatori, i volantisti ed i macchinisti degni di questi titoli possono comprendere le pene di un motore « imballato » o che « batte in testa » e quanto sia torturante per un motore finire di « gripparsi » per mancanza di lubrificante.

Alcuni fra i più dotati di sensibilità già usano intervenire quando si verificano tali sconci e non è raro ad esempio sentire uno *chauffeur* urlare un collega perchè maltratta un motore, specialmente nel caso (più facilmente avvertibile per il rumore) del così detto *imballamento*.

Ad ogni modo per le ragioni dette sopra a cui se ne aggiungono altre di carattere economico-sociali ed anche estetiche per noi futuristi, io propongo che si costituisca una :

Società di protezione delle macchine

con lo scopo di tutelare e far rispettare la vita ed il ritmo delle macchine e specialmente dei motori che sono fra le macchine i più socievoli.

Tale Società potrà avere funzioni e mezzi analoghi a quelli dell'attuale Società di protezione degli animali, anzi gradualmente si sostituirà ad essa.

Infatti la lenta ma continua diminuzione degli animali (cavalli, cani, belve, selvaggina, ecc.) nonché la prossima sostituzione dell'alimentazione artificiale a quella vegetale ed animale porteranno inesorabilmente alla totale sparizione degli animali dalla terra.

Sarà questa una caratteristica dell'era della macchina che le nostre fantasie futuriste vedono nella risplendente armonia delle città future sgombrate dalle informi brutture passatiste di pietrame, stucchi e mattoni dalle linee indecise, liberate da tutti i ruderi, ripulite dalle muffe vegetali (alberi e giardini) e dalla promiscuità animale: città futuriste geometrizzate nelle più svariate stilizzazioni architettoniche, cemento armato, acciaio, cristallo, ultralucentezza, dinamismo magico e velocità silenziosa e **macchine, macchine, macchine, macchine, macchine, macchine.**

Amiamo le macchine, proteggiamo le macchine.

F. Azari.

Tip. A. TAVEGGIA - Milano, Via Ospedale, 1

Le adesioni che non implicano formalità né versamenti di quote si ricevono presso la Direzione del Movimento Futurista: Roma (33) - Piazza Adriana, 30. — La « Società di protezione delle macchine » è presieduta da F. T. MARINETTI. — I fondatori sono: Azari, Bella, Casavola, Catrizzi, Depero, Dottori, Escodame, Gerbino, Marmetti, Pennaggi, Prampolini, Russolo, Spano.